

IMPrensa E LITERATURA INFANTIL: VIRIATO CORRÊA, DE CAZUZA A FAFAZINHO

[PRESS AND CHILDREN'S LITERATURE: VIRIATO CORRÊA FROM CAZUZA TO FAFAZINHO]

ANGELA DE CASTRO GOMESⁱ

<https://orcid.org/0000-0002-1911-760X>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Universidade Federal Fluminense – Niterói, RJ, Brasil

Resumo: Este artigo pretende destacar um momento da trajetória do intelectual Viriato Corrêa, jornalista, teatrólogo, escritor e autor de literatura infantil. Ele parte do sucesso de seu mais importante livro para crianças, *Cazuza*, publicado em 1938, para privilegiar sua iniciação junto ao público infantil. Ela ocorreu na *Gazeta de Notícias*, em 1905, quando ele se encarregou de uma pioneira coluna dedicada a esses leitores, tornando-se o Fafazinho, um personagem conhecido na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: literatura infantil; imprensa; Viriato Corrêa

Abstract: This article wants to highlight a moment in the trajectory of the intellectual Viriato Corrêa, journalist, playwright, writer and author of children's literature. It starts from the success of his most important book for children, *Cazuza*, published in 1938, to privilege his initiation with the children's audience. It took place at *Gazeta de Notícias*, in 1905, when he was in charge of a pioneering column dedicated to these readers, becoming Fafazinho, a well-known character in the city of Rio de Janeiro.

Keywords: children's literature; press; Viriato Corrêa

Com selo da Companhia Editora Nacional volta às livrarias em 27ª edição (...), talvez o mais lido dos romances infanto-juvenis escrito por autor brasileiro: Viriato Corrêa, um dos mais férteis escritores nacionais. (...) Esse *Cazuza* foi certamente seu maior êxito: quando morreu, as edições do livro já perfaziam um total de 200 mil exemplares, sendo que a última fora de 20 mil, coisa de embasbacar a época. Uma história cheia de ternura, em que um adulto rememora sua infância em três etapas. Volume de 188 páginas, CR\$ 48,00. Esta edição é paradigmática e vem acompanhada de ficha de orientação de leitura e abordagem literária (O Globo, 27 de novembro de 1979).

A notícia de *O Globo* captura um momento de auge na trajetória do livro *Cazuza*, de Viriato Corrêa (1884-1967). O autor é, no início século XXI, um desconhecido, quer da história da literatura infantil, quer da história dos intelectuais no Brasil. Porém, sua obra, em especial o livro de teor autobiográfico, *Cazuza*, é considerado um clássico, desafiando o tempo com novas edições, que recebem novos usos, leituras e interpretações¹. Por isso, é bom começar o percurso que vai de *Cazuza* a Fafazinho – também um personagem/pseudônimo de Viriato – no final da década de 1970, observando alguns documentos do arquivo da Companhia Editora Nacional (CEN), que publicou o autor até sua morte, em 1967. O primeiro, datado de 13 de dezembro de 1976, é uma carta da CEN à senhora Maria das Dores Viriato Corrêa, viúva e herdeira de seus direitos autorais². Nela, a editora propõe a compra de grandes estoques de três livros – *Histórias da História Brasileira*, *História do Brasil para crianças* e *Estas histórias da História do Brasil* – que não vendiam bem desde 1974. A ideia era realizar um bom negócio para ambas as partes. A viúva, que recebia os direitos desde a morte do marido, concorda com a proposta. O documento, sem dúvida, parece anunciar o desinteresse da CEN pelo autor e por seus livros, que não encontravam espaço nem no mercado, nem no almoxarifado da editora. Mas nada é tão simples na vida.

O segundo documento é uma ficha padrão de avaliação da CEN, preenchida quando se decidia reeditar ou não um livro³. No caso, a ficha se refere ao livro *Cazuza* e

¹ Há dois trabalhos sobre Viriato Corrêa, além de vários artigos escritos por mim. Ver Penteado, 2001 e Oriá, 2011.

² Carta da CEN a Maria das Dores Viriato Corrêa, 13 de dezembro de 1976. Correspondência. Arquivo da CEN, Centro de Memória, Unifesp, São Paulo. Quando fiz a pesquisa, o acervo ainda não estava nesse local.

³ Fichas de Reedição da CEN. Dossiê 229/76 e Dossiê 017/78. Arquivo da CEN, Centro de Memória, Unifesp. O ilustrador da capa de *Cazuza* era Renato Silva. A “ficha de orientação de leitura e abordagem

está datada de 1978. Comparando-se as datas, pode-se supor que foi esse o parecer que decidiu a reedição de 1979, saudada pelo *O Globo* como um dos lançamentos para as festas de Natal. Na ficha, informa-se que o livro vendera, entre 1975 e 1977, o total de 51.175 exemplares. Vendera muito bem, ao contrário do que ocorrera com os outros livros já mencionados. O parecer é curto e incisivo: o livro deveria ter uma reedição de 50 mil exemplares, mas seria interessante mudar a capa para “algo mais atualizado”, além de se tirar partido de “uma ficha de abordagem”, que ajudaria sobremaneira nas vendas. Por um terceiro documento – “Movimento de Edições” –, é possível acompanhar a trajetória editorial de *Cazuza* desde 1938, ano em que é lançado e com duas edições. Vê-se, então, que manteve uma boa vendagem. Houve edições em 1943, 1947 (duas), 1954, 1956 (duas), valendo lembrar que, entre 1939 e 1945, o mundo vivia a Segunda Guerra Mundial. Nos anos 1960, *Cazuza* é editado em 1960 (duas edições), 62, 64, 65, 66, 67 (quatro edições), 68 e 69. Nos anos 1970, apareceu em 1970, 71 (duas edições), 72, 74, 75, 76, 78 e 79. Em 79 é publicada a 27ª edição, justamente a referida na epígrafe deste artigo.

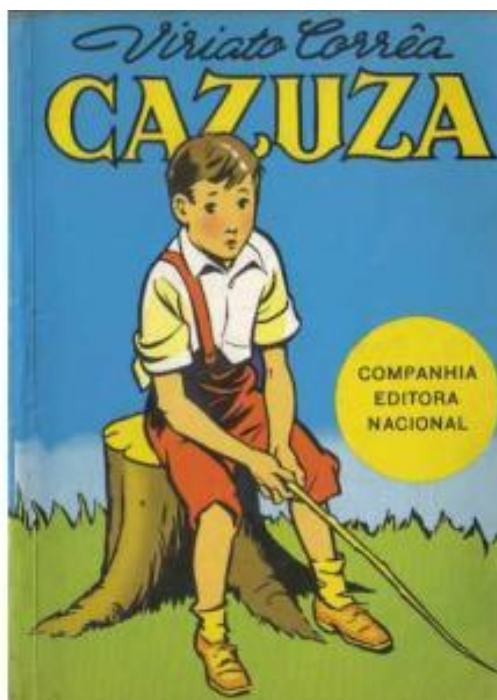
Obviamente, as décadas de 1960 e 1970 foram fantásticas para *Cazuza*: 21 edições, com tiragens entre 10.000 e 40.000 exemplares. Um autêntico *revival*, do qual Viriato pôde aproveitar muito pouco. Certamente não é casual que, exatamente no ano de seu falecimento (1967), o livro tenha tido quatro edições. Nos anos 1960, já muito idoso e doente, recebeu muitas homenagens: desde crianças, que ouviam suas palestras em escolas e outros espaços, passando pelo amplo público que gostava de Carnaval (seu livro *História da liberdade no Brasil* foi enredo do Salgueiro), até seus pares da Academia Brasileira de Letras (Gomes e Cavalcante, 2009). É bem verdade que os acadêmicos resistiram muito a reconhecer qualidades de um intelectual com o perfil de Viriato.

Voltando à edição de 1979, ela é de fato especial. Entre outras razões, porque foi a última feita pela CEN, que vinha passando por problemas há algum tempo. Por isso, nos anos 1980, deixa de existir, surgindo em seu lugar o Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas (IBEP). Mantendo o selo da CEN, a nova editora continua publicando *Cazuza*: em 1981 (duas edições), 82, 83, 84, 85 e 88, quando cessam as informações do arquivo, momento em que alcançava a 35ª edição. O IBEP mantém o público-alvo

literária” foi elaborada por Ana Cândida Costa e indica uma estratégia das editoras para inserir seus livros de literatura no circuito de livros adotados nas escolas.

infantojuvenil, dedicando-se especialmente aos livros didáticos e paradidáticos. Nessa linha, inúmeros títulos do autor são retomados com novos projetos gráficos e novas leituras de suas ilustrações. É o caso de *Bandeira das esmeraldas*, em que as imagens de Belmonte – o mais famoso ilustrador de Viriato – são relidas com resultados de grande beleza. Em toda essa nova coleção, além das muitas e bem-sucedidas intervenções editoriais (tamanho dos livros, cores e imagens), cumpre registrar o cuidado de oferecer ao leitor informações sobre o autor na orelha do livro. Nesse espaço, *Cazuza* é apresentado como um dos *best-sellers* da literatura infantil brasileira, ressaltando-se sua preocupação com “as coisas e gentes do Brasil” e seu desejo de contribuir para a educação “moral e cívica” das crianças. Algo que evidencia as múltiplas possibilidades de apropriação de sua literatura, em especial a infantil e a histórica, em suas interseções. O que não deveria surpreender, pois, o destino de textos, como *Cazuza*, é exatamente o de serem recriados por múltiplas práticas culturais, que lhes conferem novos sentidos.

Figura 1



Capa de *Cazuza*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1943.
Ilustrações de Renato Silva. Fonte: Biblioteca Lúcio de Mendonça, ABL.

Esse resultado deixaria Viriato especialmente feliz, já que lutou muito para afirmar seu trabalho e se tornar um “imortal” em vida, aliás, por motivos bem mortais,

que nunca escondeu de seus pares e de seu público. Assim, o objetivo deste artigo é destacar dois momentos de sua trajetória intelectual: o da publicação de *Cazuza* e daquele que, pela primeira vez, dedicou-se a escrever para crianças, descobrindo o público infantil e entendendo o potencial que oferecia, quer em termos financeiros, quer em termos simbólicos (com reconhecimento rápido e gratificante). Tal momento pode ser datado dos primeiros anos do século XX, quando estava há pouco tempo no Rio de Janeiro e trabalhava no jornal *Gazeta de Notícias*. Por azares da sorte, tornou-se o responsável por uma grande novidade do periódico: uma coluna infantil, intitulada *O Fafazinho*. Para um intelectual que iria se especializar no trabalho de mediação cultural, utilizando mídias diversas através do tempo e escrevendo para crianças e para um público adulto, essa experiência não passou despercebida. Ela pode ser tratada como um acontecimento fundamental em sua trajetória, que, efetivamente, lançou seu nome entre o público infantil e o envolveu em novas práticas comunicativas. Como *Cazuza*, o *Fafazinho*, assinatura do autor na coluna, seria uma primeira vivência como personagem de si mesmo.

1- Viva Cazuza! Viriato Corrêa no Olimpo da ABL

Foi *Cazuza* que levou Viriato à ABL. O sucesso do livro foi difícil de contornar. Contudo, mais difícil ainda foi contornar a insistência desse intelectual nordestino, baixinho, franzino, agitado e que não era branco. Viriato era jornalista, escritor, comediógrafo e autor de uma literatura de teor cívico-patriótico, voltada ao público infantojuvenil. Especializou-se, portanto, em gêneros literários pouco reconhecidos na época, bastando lembrar que, nos anos 1930, discutia-se se literatura infantil era mesmo literatura. Na verdade, há anos, ele tentava esse feito. A primeira vez foi após a morte de seu amigo Paulo Barreto, o João do Rio, ocorrida em 1921. Eram próximos, tanto que resolveram lançar um livro de contos infantis, beneficiando-se dos adiantamentos do editor Francisco Alves. *Era uma vez...*, de 1908, reunia um conjunto de história de bichos, diz-se que na maioria escritos por Viriato, o que não importava, já que o nome que vendia era o de João do Rio. Um episódio que mostra como, em início do século XX, ele combinava jornalismo e literatura infantil, atividades lucrativas para aqueles

que dependiam do ofício de escrever, não tendo emprego público ou outras formas de renda.

Nos anos 1920, pode-se dizer que Viriato já era um autor conhecido pela literatura infantil e pelo teatro. No primeiro caso, demarcara seu perfil como um contista e cronista dedicado às histórias maravilhosas e aos temas da história do Brasil. Em 1920, lança *Histórias da nossa história* pela Monteiro Lobato e Cia, edição da Revista do Brasil, com prefácio de Rocha Pombo e dedicado ao jornalista Edmundo Bittencourt. Seus livros *Contos da história do Brasil*, para crianças, e *Terra de Santa Cruz*, para adultos, ambos de 1921, foram publicados pela Livraria Castilho. Indicações suficientes para dimensionar o quanto sua rede de sociabilidade intelectual havia se alargado desde o início da década de 1900, e de quão antigos eram seus contatos com Lobato. No caso do teatro, tornara-se um autor aplaudido com a peça *Nossa gente*, de 1921, paradigmática da temática sertaneja, cultivada desde os anos 1910. Porém, para muitos críticos, os aplausos que recebia se explicavam pela falta de sofisticação e seriedade de seus textos, razão pela qual agradavam ao grande público. Sua virtude era seu vício. Assim, João do Rio foi sucedido por Constâncio Alves na ABL. Fim do primeiro ato.

Na segunda tentativa, a década de 1920 havia passado, bem como os tumultos produzidos pela Revolução de 1930, na vida de Viriato e na do Brasil. Em 1934, quando do falecimento de outro grande amigo, Medeiros e Albuquerque, Viriato lutou por uma nova candidatura. A essa altura, produzira muitos livros de contos e crônicas históricas, para público adulto e infantil. Entre eles, o maior destaque era *História do Brasil para crianças* (1934), que integrava a Coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira, coordenada por Fernando de Azevedo, um empreendimento da CEN. O livro foi produzido para ser usado nas escolas, que cresciam em número e na atenção que recebiam das autoridades governamentais. Viriato ia se consolidando como autor de uma literatura cívico-patriótica dirigida a crianças e adultos, utilizando-se de suportes variados, como manuais escolares, artigos de periódicos e peças de teatro. Era, por excelência, um intelectual mediador e, por tal razão, elegera gêneros considerados “menores”, como os contos e crônicas, não sendo autor de um grande romance ou poema. Enfim, algo que fosse admirado e enchesse os olhos dos imortais da ABL.

Como teatrólogo, na década de 1920, integrara o Grupo do Trianon e formara a Companhia Brasileira de Comédias, ao lado de Niccolino Vigiani e Oduvaldo Viana.

Seus textos caíam no gosto do público, sendo encenados muitas vezes. Porém, segundo a crítica teatral, isso acontecia porque fazia concessões, desejando apenas “agradar e divertir” para, naturalmente, ter bons rendimentos. Um argumento desfavorável recorrente – quase um mantra – à produção teatral da época, quando os atores, bem mais que os autores, tinham reconhecimento e fama. Além disso, Viriato continuava escrevendo para jornais, mesmo após um período de afastamento compulsório, em função de sua prisão pelos “revolucionários de 30”, por ser apoiador de Washington Luís. Mas conseguiu reintegrar-se nos círculos intelectuais, voltando a escrever e publicar. Mesmo assim, mais uma vez, não teve sucesso na ABL. Quem ocupou a cadeira de Medeiros e Albuquerque foi Miguel Osório de Almeida. Fim do segundo ato.

Em 1937, mais uma investida. A morte de Paulo Setúbal, autor de romances históricos que vendiam muito, permitiu que Viriato Corrêa voltasse ao pleito. Já havia até certo folclore sobre sua figura e teimosia, sendo chamado, com evidente desdém, de “a tia da academia” ou de “Romeu sem escada”. Estava ciente que nem sua obra, nem sua figura empolgavam a ABL. Suas escolhas literárias, apesar de poderem ser aproximadas das de Paulo Setúbal, não se enquadravam no respeitado gênero do romance histórico. Seus textos eram considerados “rápidos” e “pouco criativos”. Eram contos populares e folclóricos, crônicas históricas, peças de teatro e literatura infantil. Tudo envolto no desejo de “ganhar a vida”. Ainda dessa vez, permaneceu bem mortal: o modernista Cassiano Ricardo ocupou a cadeira que fora de Setúbal e, antes dele, de João Ribeiro. Fim do terceiro ato.

Porém, logo depois, a ABL perdeu outro imortal: Ramiz Galvão, professor dos príncipes, ex-diretor da Biblioteca Nacional, historiador do IHGB. Não deu outra. Viriato voltou à carga. Com uma diferença. Dessa vez havia publicado *Cazuza* e, em 1938, finalmente conseguiu entrar para a Academia. Enfim, Viriato se tornou acadêmico aos 54 anos, consciente de que a ABL não se encantava por alguém que, como intitulou seu discurso de posse, não atendia à “estética do fardão”. Fim do quarto e último ato.

Ao final, a impressão que o percurso de Viriato para entrar na ABL deixa é que há momentos em que as instituições engolem sapos. Os elogios com que é recebido não desfazem as farpas de seu discurso de posse, nem os comentários que o acompanham em sua vida acadêmica. Ele é emblemático das rígidas hierarquias que presidem o campo intelectual e vigoram informalmente dentro das instituições mais formais.

Conforme as histórias de bichos, na ABL, Viriato era um sapo. Só que, nessas histórias, os sapos podem se transformar em príncipes... Minha hipótese é a de que foi exatamente isso que acabou ocorrendo no fim dos anos 1950 e início dos 1960, quando ele, em conjuntura política muito diversa, foi submetido a operações memoriais que lhe atribuíram grande valor, dentro e fora da ABL. A memória, como a imaginação infantil, faz coisas fantásticas. É crer para ver.

2- *Cazuza*: um romance de formação no Estado Novo

Em 1938, Viriato era um sapo apenas mais digerível por seu fardão verde. Mesmo que tenha passado, após a Revolução de 1930, por muitas dificuldades (não apoiou a Aliança Liberal), no alvorecer do Estado Novo publicou um livro que serviu como uma luva às intenções do regime, o que foi capitalizado pelo autor e pelo editor. Não que *Cazuza* tivesse sido escrito para fazer propaganda do Estado Novo. Como muitos outros que o antecederam na Primeira República, ele se orientava por objetivos cívico-patrióticos: queria ensinar a seus pequenos leitores como conhecer e amar o Brasil. Só que, dessa feita, em tempos de nacionalismo autoritário.

O livro era bem construído, seguindo o modelo dos romances de formação, o que não era uma novidade no Brasil. Distanciava-se, porém, da forte tradição ufanista, representada pelo conde Afonso Celso – autor de *Porque me ufano de mau país*, de 1900 –, já bastante relativizada a partir dos anos 1920/30. Uma orientação que convergia com a proposta do Estado Novo, defensor da ideia de que todos os brasileiros deviam conhecer o “Brasil real” – sua geografia, sua história e seu povo –, com suas grandezas e também com seus problemas. A modernidade que se queria alcançar exigia dos brasileiros uma atitude investigativa, o inverso da idealização e contemplação ufanistas. Era preciso pesquisar quais eram as causas das dificuldades do país para encontrá-las e enfrentá-las com eficiência e rapidez. *Cazuza*, como seus contemporâneos de imediato verificaram, substituía com vantagem o livro *Coração*, de Amicis, traduzido no Brasil por João Ribeiro em 1890, ainda muito utilizado (Gontijo, 2009). O próprio Lobato havia observado como fazia falta um livro daquele tipo, que fosse realmente nacional, pois, a despeito das qualidades da tradução de Ribeiro, *Coração* queria formar italianinhos e não brasileirinhos.

Cazuza não era um manual escolar, embora pudesse ser lido e usado nas escolas. Toda a ação se dividia entre o ambiente familiar e o escolar, e os personagens eram, na maioria absoluta, crianças, secundadas por adultos, parentes ou professores. Durante a narrativa, feita pelo personagem título, acompanha-se seu processo de formação como menino que frequentava boas escolas. Só que vão ficando mais longe do “interior”, onde ele morava, aproximando-se dos núcleos urbanos, com destaque para São Luís capital de seu estado, o Maranhão. Se o livro tem um evidente aspecto moral, também contempla, com ênfase comparável, a dimensão cultural e folclórica, falando da vida familiar, dos costumes, do cotidiano das escolas, das festas, das lendas, enfim, da vida do “sertão”, tanto em seus aspectos “positivos” como “negativos”. A dor do uso da palmatória na mão e no coração das crianças, a dor produzida pela ignorância da doença, que condenou o amigo de *Cazuza* a humilhações e ao desprezo do próprio pai, a importância das figuras ilustradas, como o médico e as professoras formadas, o valor da educação com métodos modernos. Tudo isso, aliado ao bom senso, à sensibilidade e ao amor, como se via no exemplo da mãe de *Cazuza*.

O livro foi um bom investimento da CEN, que soube reconhecer o momento e o valor literário, pedagógico e comercial do produto que tinha em mãos. Esse foi, sem dúvida, um dos mais bem elaborados encontros de Viriato com seus leitores infantis, na trilha do que André Botelho (2002) chamou de rotinização de um léxico de Brasil nação, na primeira metade do século XX. O que se fará, a seguir, é acompanhar quando e como Viriato “descobre” esse público infantil a quem vai se dedicar pelo resto de sua vida. Evidentemente, não se trata de uma questão de “origens”. Porém, em certas circunstâncias, é fundamental chamar a atenção para determinados eventos ocorridos na trajetória de um intelectual, que se transformam no que a literatura sobre memória chama de acontecimentos biográfico: algo decisivo para o futuro que se abre à sua frente. Nesse caso, o evento é muito interessante, demonstrando o quanto Viriato/*Cazuza* devem à *persona* do Fafazinho.

3- Um jornalista na “Gazeta das Crianças”: nasce o Fafazinho

Viriato Corrêa chegou ao Rio de Janeiro no início do século XX para completar seu curso de Direito. Veio com pretensões literárias e foi logo trabalhar na imprensa. Teve a ajuda do jornalista e republicano Medeiros e Albuquerque, que o apresentou a diversos círculos intelectuais e o levou para a *Gazeta de Notícias*, um dos mais antigos e importantes jornais do Rio, no início da República. Na redação, trabalhavam o poeta Olavo Bilac e colaboradores, como Lúcio de Mendonça, um dos fundadores da ABL, além de caricaturistas consagrados, como Julião Machado e Agostini. Foi na *Gazeta* que Viriato publicou alguns de seus primeiros contos, começando a construir uma carreira como literato. Nesse momento, o jornal conquistava muitos leitores, investindo em folhetins e na abertura de novas colunas, como as de notícias policiais e esportivas. Mas o destaque foi o aparecimento de uma coluna destinada ao público infantil, organizada por Rafael Pinheiro, que assinava como Fafá. Intitulava-se “Gazeta das Crianças”, circulando diariamente a partir de janeiro de 1906. Essa foi uma iniciativa pioneira, já que era pouco usual que jornais ou revistas de grande circulação destinassem espaço especial às crianças.

É interessante situar o contexto de criação da coluna do ponto de vista do mercado editorial e de suas conexões com os projetos que mobilizavam os intelectuais republicanos preocupados com a reforma da educação no país. Não é uma coincidência que, em outubro de 1905, a Sociedade O Malho, que abarcava títulos de vários periódicos, lançasse uma revista infantil: o *Tico-Tico*. Era um periódico semanal (saía às quartas-feiras), que teve incrível sucesso e longevidade⁴. Suas características inovadoras tiveram clara influência sobre a coluna “Gazeta das Crianças”, o que aponta para um movimento de circulação de projetos político-pedagógicos fundados em práticas de leitura que extrapolavam o ambiente escolar. *Tico-Tico* deixava evidente, não só a importância comercial do numeroso e crescente público infantil, como os cuidados necessários para cativá-lo (e a seus pais). A revista possuía páginas para colorir, pequenas histórias, jogos etc., além de organizar concursos para seus leitores. Inspirada em revistas francesas, seu objetivo declarado era fortalecer e orientar o espírito daqueles que seriam os “grandes homens de amanhã”. Com o mesmo objetivo, Francisco Alves, o

⁴ A revista reuniu intelectuais reconhecidos como Manoel Bomfim, Agostini, J. Carlos e muitos outros, sendo publicada até 1977.

maior editor de livros de leitura e de manuais escolares para crianças, encontrava-se em plena atuação.

A Livraria Francisco Alves era a responsável pela edição de toda uma influente literatura de teor cívico-patriótico, produzida desde a virada do século XX. Combinava interesses de editores e autores que se voltavam para os “futuros cidadãos republicanos”. Uma área de atuação que se configurava como um autêntico campo de disputas, inclusive, porque a educação (e a educação cívica em particular) era reconhecida como um recurso de poder fundamental, tanto para a legitimidade do regime republicano, como para a construção da nação brasileira. Apenas como ilustração, são exemplos de grandes vendas nesse nicho de mercado *Os contos pátrios* (1904) e *A pátria brasileira* (1909), ambos de Olavo Bilac e Coelho Neto, na época, os autores reconhecidos como grandes literatos.

A “Gazeta das Crianças” se integrava a esse movimento que desejava fazer das crianças novos leitores e, assim, estimular seus pais a comprar o jornal. A coluna era diária e não tinha localização fixa no jornal. Podia aparecer entre as páginas três e quatro, durante a semana, e sete e oito, aos domingos, considerando-se que o jornal possuía entre cinco e seis páginas de segunda a sábado, podendo, aos domingos, circular com 12 páginas. Ela variava de posição, sendo mais frequente a encontrar próxima à coluna “Gazeta dos Esportes”. Seu tamanho variava entre dois formatos: uma tira fina e comprida ou uma caixa larga e com mais visibilidade. Também era possível encontrar colunas pequenas, quase escondidas no meio de uma página, e outras grandes, que ocupavam uma página inteira, chegando até a primeira página do jornal. Essa variação é indicadora do sucesso maior ou menor da coluna e/ou do interesse que o jornal nela depositava em determinado momento.

Foi por essa coluna que Viriato acabou sendo responsável, pois Rafael Pinheiro, o Fafá, em maio 1906, foi escalado para acompanhar a comitiva do recém-eleito presidente da República Afonso Pena, em viagem pelo país. Viriato era ainda muito novo no jornal e em idade (22 anos) para acompanhar um presidente e a opção foi colocá-lo como substituto de Fafá. A coluna ia bem, cativando leitores e tendo estabelecido um modelo que agradava tanto, que não se cogitou de extingui-la. Para Viriato, que até então não estabelecera qualquer contato com o público infantil, esse era um grande desafio. Os riscos da mudança são percebidos e há um cuidado no

encaminhamento da troca de comando da coluna, que existia há nove meses. No dia 14 de maio de 1906, encontramos uma carta de despedida de Rafael Pinheiro. Logo abaixo, vinha outra carta, dessa vez de Viriato, apresentando-se aos leitores:

[...] Fafá como bom amigo, pediu-me que tomasse conta de sua criançada. Eu quis resistir. Mas quem pode resistir a um pedido de Fafá? E fiquei. E aqui estou. O contraste vai ser palpitante. Mas eu vos peço um pouco de indulgência. Quero que todos sejam meus amiguinhos como eram do Fafá. É verdade que isso custa muito, mas se todos pensarem o quanto o desamor me dói, se todos souberem quanto minha alma é toda das crianças – há de custar muito pouco.⁵

A substituição trazia riscos. Temia-se a desconfiança dos leitores, já que a coluna devia muito ao personagem criado por Rafael Pinheiro e ao bom relacionamento estabelecido com o público infantil. Uma de suas características era possuir uma seção de “Bilhetes”, para a qual as crianças escreviam e da qual recebiam respostas. Ou seja, havia interatividade entre o jornalista e seus leitores; as crianças apareciam na coluna através das referências a elas feitas pelo Fafá. Mas a grande atração eram os concursos organizados, com sorteios de prêmios. Essas duas iniciativas ilustram o vínculo criado entre Fafá e as crianças, afora o fato de o jornalista já ser bem conhecido. A delicada troca de bastão era completada por matéria publicada na primeira página da *Gazeta de Notícias*, em 16 de maio de 1906. Era a notícia de um almoço de despedida oferecido a Rafael Pinheiro, no Restaurante Brito⁶. Com a presença de Viriato, entre muitos jornalistas, as manifestações de apreço a Rafael Pinheiro eram acompanhadas das boas-vindas ao novo responsável pela “*Gazeta das Crianças*”. Viriato era o amigo de Fafá e, por isso, queria ser o novo amigo dos leitores da coluna. Queria ser o Fafazinho, no diminutivo, que aproxima e suscita carinho.

Funcionou. Fafazinho logo começou a receber cartas, um indicador de sua aceitação pelas crianças. Porém, fez bem mais pela “*Gazeta das Crianças*”: manteve o que já havia sido conquistado e expandiu o público leitor da coluna. Tanto que a coluna ganhou um espaço maior no jornal, e Fafazinho começou a ganhar as ruas do Rio de Janeiro. Bom para a *Gazeta de Notícias*, que vendia mais exemplares; bom para Viriato, que se transformou em um querido personagem infantil; bom para as crianças, pois a coluna seguia modernas orientações pedagógicas, contribuindo para a formação de leitores e, assim, de futuros cidadãos republicanos.

⁵ *Gazeta de Notícias*, 14 de maio de 1906, p. 4.

⁶ *Gazeta de Notícias*, 16 de maio de 1906, p. 1.

4- “Gazeta das Crianças”: contos, brincadeiras, concursos etc.

A coluna que Fafazinho assume, em maio de 1906, possuía uma estrutura razoavelmente definida, embora não se possa dizer que tivesse seções fixas, até porque seu espaço no jornal era muito variável. O conjunto combinava leitura e outras atividades lúdicas, mas o que mais atraía as crianças era a realização de concursos. Eles as desafiavam com perguntas e adivinhações, oferecendo cobiçados prêmios. Foi exatamente através de um desses concursos que Viriato entrou em cena, tornando-se uma nova personagem. Na primeira semana em que respondeu pela “Gazeta das Crianças”, o jornal – interessado em uma tranquila troca de comandos – dedicou parte de sua primeira página a elogiar a seção que havia tomado proporções assombrosas, com o número de concorrentes dos concursos crescendo de maneira inacreditável. Até aquela data, treze concursos haviam ocorrido. Fafazinho começava em alto estilo, encarregando-se da realização desse novo e muito esperado concurso. A reportagem de capa, com foto grande e centralizada, mostra um grupo de crianças que esteve na festa desse concurso, organizado por Viriato Corrêa. Apesar da má qualidade da imagem, vale observar a página do jornal.

Figura 2



Fonte: *Gazeta de Notícias*, 18 de maio de 1906, p. 1.

A matéria faz um balanço das seções da coluna, bem como de sua recepção, o que torna possível uma aproximação de sua composição. Tal descrição, obviamente, não visava ao público leitor infantil, mas sim ao adulto, formado por pais, parentes e

professores, indiretamente, também leitores da coluna, assumindo a decisiva função de orientadores. O que se desejava, portanto, aproveitando a oportunidade da troca de jornalistas responsáveis, era reafirmar a importância e modernidade pedagógica do que o jornal vinha fazendo com sua iniciativa pioneira. Para tanto, convinha esclarecer os pais sobre as qualidades da coluna, para que eles estimulassem os filhos a lerem a “Gazeta das Crianças”, em movimento de reforço ao que era feito pelos filhos, quando pediam para que comprassem a *Gazeta de Notícias*. Com certeza, essa era uma estratégia de *marketing* eficiente, ampliando o público do jornal e lhe dando grande visibilidade, particularmente quando da realização dos concursos.

Com o passar do tempo, tais concursos acabaram por se transformar em autênticas festas da cidade, cuidadosamente organizados. Durante a semana, eram divulgadas três perguntas que deviam ser respondidas. Podiam envolver desde jogos de adivinhações até brincadeiras de desembaralhar palavras. Observa-se que a temática geográfica e histórica era constantemente abordada por esses desafios. Em diversas situações, as crianças tinham que chegar a nomes de bairros, cidades, guerras, personagens históricos e até mesmo à palavra ‘República’, como sendo “uma coisa que o Brasil tem há 17 anos”⁷. Tais perguntas eram publicadas todos os dias, até o dia do sorteio final, sendo acompanhadas de um cupom que a criança deveria recortar e guardar para enviar com as respostas corretas à redação do jornal. Assim, era preciso comprar o jornal todos os dias da semana, já que a resposta certa só seria considerada se todos os cupons tivessem sido acumulados e enviados pelo concorrente. A partir de então, as cartas eram verificadas e todas as que haviam cumprido as exigências necessárias eram separadas para concorrer ao sorteio dos prêmios.

Os sorteios, realizados por Fafá e, depois, por Fafazinho, sempre diante das crianças, a princípio ocorriam na sede da *Gazeta de Notícias*. Porém, devido à quantidade crescente de participantes, a redação considerou interessante remanejar tais eventos para locais externos e de maior expressão na cidade. Apenas para se ter uma ideia, o primeiro sorteio do concurso dirigido por Viriato ocorreu no Passeio Público em 20 de maio de 1906, um domingo, ao meio-dia. Pais e crianças podiam comparecer sem problemas. Nesse caso, havia 1.996 crianças concorrendo aos prêmios, além de muitas outras que estavam presentes para aproveitar as atrações. Naquele domingo, por

⁷ *Gazeta de Notícias*, 21 de maio de 1906, p. 4.

exemplo, houve um espetáculo de teatro, a distribuição de mais de 500 sorvetes, bolos e biscoitos e a apresentação de piano do menino José Mattos, de 11 anos⁸. É claro que o ponto alto da festa foi o sorteio dos prêmios, que foram em número de dez para os meninos e dez para as meninas. Detalhe importante: havia também a “tomada de fotografias” de grupos de crianças – meninos e meninas, separadamente – com o Fafazinho, que se tornava uma personagem conhecida na cidade.

Figura 3



Fonte: *Gazeta de Notícias*, 24 de maio de 1906, p. 4. Viriato Corrêa está na terceira fila, mais ao menos no centro da foto.

É impossível dizer qual o peso da atuação de Viriato no crescimento da coluna. Afinal, ele a herdou do Fafá em plena expansão. Mas é inegável que, depois de assumir, aumentou muito o número de leitores e de participantes dos concursos, o que se refletiu no tamanho dos eventos. Por exemplo, o 16º concurso, ocorrido no Leme, contou com 5.139 concorrentes; o 18º teve 5.768; e o 19º, 6.592. Já o 20º e 30º concursos devem ter mantido a tendência de alta, ocorrendo, respectivamente, no Clube São Cristóvão e no Parque Fluminense. O número de prêmios também aumentou de 20 para 48 no 16º

⁸ *Ibid.*

concurso. A coluna conseguiu o patrocínio dos estabelecimentos *O Grão Turco* e *Loja Garnier* como doadoras dos prêmios⁹. No caso do primeiro, os brinquedos ficavam expostos na vitrine antes do sorteio para aumentar o movimento de clientes. Os prêmios eram atraentes, cumprindo perfeitamente o ideal de formação de gênero masculino e feminino, através do ato de brincar, defendido como útil e mesmo fundamental para o desenvolvimento da imaginação das crianças. Para o 12º concurso, por exemplo, os dois primeiros prêmios para meninos foram “um enorme trem de ferro e um bem montado ofício de marceneiro”; para as meninas, “uma encantadora boneca e um lindo enxoval de batizado”¹⁰. Já no 14º concurso, os prêmios para os meninos foram “uma engenharia de guerra, uma carroça puxada por cavalo, um violão e um bodoque”; para as meninas, “uma máquina de costuras, um aparelho de chá, um carneiro em tamanho real e uma lavanderia e engomadeira”¹¹.

Figura 4



Fonte: No concurso do carnaval de 1906, os prêmios foram fantasias. *Gazeta de Notícias*, 12 de fevereiro de 1906, p. 3.

As perguntas tinham o formato de adivinhações, sempre de teor instrutivo e moralizante. No 14º concurso, o primeiro conduzido por Fafazinho, elas consistiam em responder a três perguntas, sendo as duas primeiras obrigatórias e a última facultativa¹²:

1) Qual foi a guerra que houve no Brasil e que anda pelas ruas, vendendo fitas, com

⁹ *Gazeta de Notícias*, 27 de maio de 1906, p. 8.

¹⁰ *Gazeta de Notícias*, 04 de maio de 1906, p. 6.

¹¹ *Gazeta de Notícias*, 15 de maio de 1906, p. 3.

¹² *Id.*

uma caixa às costas? 2) Repetir uma nota musical até encontrar o nome de um amigo das crianças. 3) Formar, de uma preposição e de um corpo esférico, uma das coisas que Cristo fazia. As respostas eram: a guerra dos Mascates, Fafá e parábola. O objetivo não era elaborar questões difíceis e sim intrigantes, que efetivamente pudessem ser respondidas, para que o número de concorrentes fosse sempre maior, bem como o dos leitores da coluna e do jornal.

O tamanho dos eventos variou nesse curto espaço de tempo (1906/7), mas o que se percebe é que vão aumentando muito rapidamente em tamanho e organização, talvez para a surpresa do próprio Fafazinho e do jornal. A festa que ocorreu no Leme é um bom exemplo das dimensões que tais sorteios ganharam. Ela contou com um esquema de 12 bondes, que levavam as crianças do Largo da Carioca, no centro do Rio, até o local da festa, sendo precedidos por uma banda de música. As crianças podiam brincar no terraço do restaurante *Avenida Atlântica*, onde houve música e merendas sucessivas. Também foi aberto um espaço para as crianças tocarem instrumentos, cantarem, recitarem poesias, enfim, para se integrarem como parte da programação da festa. A “educação do espírito e do corpo” era inseparável. Além de seus dotes artísticos, as crianças exercitavam suas capacidades físicas, realizando dez corridas, com diferentes metragens e para idades variadas. Por fim, havia um carrossel e muitas outras brincadeiras, sempre supervisionadas pelo Fafazinho e outros colaboradores, dado o número de crianças presentes¹³. Essa descrição não é ingênua. Quero evidenciar como essas festas mobilizaram a cidade e como eram organizadas, prevendo-se a participação ativa das crianças e dos pais, e não como meros expectadores. O sorteio de prêmios deveria ser um chamariz para um conjunto de atividades educativas – educação física, educação artística, dança, canto, poesia – consideradas muito modernas, segundo as orientações pedagógicas praticadas dentro e fora da escola. Os eventos, na verdade, encenavam boa parte do que a “Gazeta das Crianças” propunha, até porque a leitura era entendida como a palavra-chave para o Brasil alcançar a modernidade entre as nações.

No que se refere a Viriato, é fácil imaginar como essa intensa e recompensadora vivência com o público infantil acabou sendo determinante para o restante de sua trajetória intelectual. Ela lhe proporcionou, muito cedo, um contato intenso e direto com uma moderna visão educacional, que se disseminava no Brasil da virada do século XIX

¹³ *Gazeta de Notícias*, 02 de junho de 1906, p. 1.

para o XX, estimulada pelos ideais políticos republicanos. É possível igualmente aventar que essa experiência de se relacionar com crianças tenha produzido efeitos duradouros sobre sua sensibilidade artístico-intelectual. Afinal, mesmo descontando algum exagero do jornal, não há por que desconsiderar as fotos e comentários sobre o carinho que ele recebia. Em várias notícias, o registro é que, logo que Viriato chegava ao local da festa, era rodeado pelas crianças que queriam abraçá-lo e o puxavam pelo paletó de um lado para outro, fazendo perguntas. Fafazinho assume a “Gazeta das Crianças” em maio de 1906, cheio de preocupações pelo fato de ser um substituto e, muito rapidamente, vira um fenômeno de mídia entre o público infantil, ao menos na cidade do Rio de Janeiro. Algo que exige empatia e qualidades pessoais, o que não se pode explicar apenas como produto de propaganda comercial, que, claro, era bem-feita.

A “Gazeta das Crianças” acabou sendo uma oportunidade de ouro. Além das festas, a coluna lhe oferecia outras possibilidades de interação com o público infantil, a começar pelos “Bilhetes”, recebidos e respondidos. Havia igualmente notícias de “Aniversários”, “Batizados” e “Nascimentos”, que agradavam às crianças e a seus pais, na medida em que funcionavam como pequenas colunas sociais, tão usuais naquele momento. Mas a peça de resistência da coluna era escolher e escrever as matérias que seriam publicadas durante a semana, lembrando que ela era diária. Nesse cotidiano, contos, quadras, adivinhações e provérbios ganhavam espaço. Fafazinho explica aos pais e responsáveis, em artigo escrito ao assumir a tarefa, que os textos publicados tinham de ser curtos, leves e instrutivos, para poderem ser lidos com facilidade e prazer. Principalmente, tinham de conter lições de moral e patriotismo, adequados ao espírito infantil em formação. Por isso, é particularmente interessante observar a “Gazeta das Crianças” como um sistemático exercício de produzir uma boa literatura para crianças, adequando-se ao suporte de uma pequena coluna de jornal. Que tipo de histórias ele escreveu? Quem foram seus primeiros personagens? Quais eram as suas lições?

Como não poderia deixar de ser, a escrita de Viriato se afinava com as práticas que começavam a se consagrar, quer nos novos periódicos infantis, quer em livros escritos para crianças, pais e professores, que circulavam no início do século XX. Em todos esses casos, a dimensão moralizadora era considerada fundamental. A ela os autores associavam benefícios diversos: o conhecimento da língua, história e geografia pátrias, o desenvolvimento do raciocínio, da observação e da educação dos sentidos e o

prazer da leitura. Fafazinho assumiu a coluna quando um novo método pedagógico, chamado de intuitivo ou “lições de coisas”, estava reformulando a educação infantil, não sem resistências. Sua proposta fundamental era deslocar o centro do processo educativo do professor para o aluno, para a aprendizagem e a formação da criança de forma integral (corpo e mente). Essa era a grande diferença em relação aos métodos antigos, em que o aluno tinha uma posição passiva – ouvinte, espectador, memorizador – e era punido se não atendesse às expectativas do adulto. Um processo que tornava a escola, o professor, o livro e o ensino, em geral, odiado pelas crianças. Era essa orientação que deveria mudar, mas, vale notar, permanecendo sob a completa direção do professor/adulto. O método intuitivo tinha fundamentos científicos e defendia que a educação tinha suas bases na percepção sensorial e na eficiência da intuição. Isso significava “educar pelos sentidos”, exercitando a observação do mais próximo e concreto para o mais distante e abstrato. O ensino precisava aprimorar a capacidade de ver, ouvir, falar e imaginar das crianças para que elas pudessem aprender com interesse e não com medo (Gomes, 2000).

Não quero aqui sugerir que Viriato fosse um estudioso do método intuitivo, ou mesmo que o conhecesse, quando assumiu a “Gazeta das Crianças”. Contudo, quero chamar a atenção para o fato de os textos e atividades dessa coluna se adequarem aos preceitos mais gerais desse método, que circulava amplamente nos meios letrados do Distrito Federal e também de outros estados do Brasil. Por exemplo, a coluna costumava combinar literatura infantil com folclore, algo que continuará presente em sua produção posterior e na de outros autores. Como gênero literário, os contos são paradigmáticos da proposta educacional de Fafazinho, que acreditava que os ensinamentos morais deviam chegar às crianças de forma indireta, por meio de histórias maravilhosas ou de bichos, pois os pequenos leitores rejeitavam preceitos que lhes chegassem como “mandamentos catequéticos”. Eram essas histórias que conquistavam e estimulavam a imaginação infantil, ao lado de brincadeiras, jogos e adivinhações.

Nesse sentido, é interessante examinar alguns desses contos para maior aproximação com a escrita de Fafazinho, ilustrando alguns elementos dos preceitos pedagógicos. Em grande parte, eles eram historietas que tinham crianças como protagonistas em situações do cotidiano, explorando a temática familiar ou escolar. Dois exemplos são úteis, por sua simplicidade e precisão. Na coluna de 23 de maio de

1906¹⁴, Fafazinho narra a história de Chiquinho, menino que queria um par de sapatos. Insistiu tanto que, depois de muito tempo, conseguiu comprá-lo. Chiquinho, de sapatos, sentiu-se superior a seus amigos, passando a humilhá-los e ofendê-los. No entanto, quando foi dormir, os ratos de sua casa, famintos, furaram seu tão estimado calçado. No dia seguinte, Chiquinho contou aos amigos o seu pesar e foi obrigado a ouvir de um colega que o acontecido fora um castigo em razão de sua vaidade. Que ele se emendasse. Já na coluna do dia 21 de junho do mesmo ano, foi publicada uma história que teria realmente acontecido numa escola pública de uma cidade do interior. O caso envolvia o sumiço de um relógio de prata de um dos alunos mais ricos do colégio. O diretor teria ficado muito assustado, pois, se um aluno fazia tal coisa, poderia “cometer outros atos piores e vir a ser um viciado”¹⁵. Como estratégia para descobrir quem furtou o relógio, ele pede que cada menino coloque a mão numa caixa, dizendo que dentro dela havia um galo. Segundo o diretor, o galo morderia a mão do menino infrator. Com todos enfileirados e depois de uns oito meninos terem colocado a mão na caixa, o menino Ezequiel, chorando, assume a culpa e restitui o relógio. Ele promete que nunca mais cometeria um ato como esse. O diretor recebe o relógio, perdoa o menino e faz uma preleção sobre o que se passara. Enfim, deixando de lado a caixa com o galo (e com o medo que inspirou), Fafazinho aprovou o diretor, que buscou uma forma de fazer com que o infrator se denunciasse e, em retribuição, o perdoara, reforçando seus bons propósitos diante dos colegas.

A coluna também publicava histórias maravilhosas e de bichos, diversas delas com claro fundo sobrenatural e mesmo religioso. Uma das primeiras histórias de Fafazinho¹⁶ fala de um menino muito pobre, que só tinha uma camisa para vestir. Porém, quando uma velha mendiga lhe pede a camisa, por estar com frio, ele a dá. De noite, o menino deita-se para dormir na relva, mas se admira por acordar em um grande palácio. A velha – o menino entende – era Nossa Senhora, que o recompensa por sua boa ação. Ou seja, se, por um lado, a coluna apresentava histórias que envolviam crianças que deviam aprender a ter bons sentimentos e comportamentos em situações “reais”, por outro lado, não deixava de apostar nas fábulas, no maravilhoso e na religiosidade católica (vale notar) como contribuições ao processo pedagógico.

¹⁴ *Gazeta de Notícias*, 23 de maio de 1906, p. 5.

¹⁵ *Gazeta de Notícias*. 21 de junho de 1906, p. 4.

¹⁶ *Gazeta de Notícias*, 15 de maio de 1906, p. 4.

A “Gazeta das Crianças”, ao longo do tempo, foi se enriquecendo com as colaborações de diversos outros autores e também de crianças, o que era muito estimulado. Os contos dos leitores eram carinhosamente apresentados com frases como “Pelo menino...”, “Feita pelo pequerrucho...”, entre outras do mesmo estilo. Um cuidado que devia trazer enorme orgulho às crianças e a seus familiares, corroborando o desejo do colunista de interagir com o público infantil e abrir espaço, no jornal, para suas criações. Nesse sentido, a coluna e seu responsável se saem muito bem. É interessante registrar que, em 3 de julho de 1906, há uma notícia sobre um almoço oferecido por quatro crianças aos escritores Viriato Corrêa e Figueiredo Pimental (1869-1914), um conhecido autor de livros infantis, entre os quais se destacava *Contos da Carochinha* (1894), considerado, hoje, um marco da literatura infantil brasileira. O episódio, ainda que isolado, atesta o prestígio adquirido pelo Fafazinho, sobretudo quando aliado aos verdadeiros espetáculos em que se transformaram os concursos da “Gazeta das Crianças”.

Considerando a rapidez e a intensidade desse sucesso, pode-se entender porque, ainda em 1907, Viriato Corrêa se arrisca a lançar uma revista infantil intitulada, sugestivamente, Fafazinho. A revista, que não consegui localizar, teve duração efêmera. Contudo, o que a iniciativa demonstra é que ele acreditou e apostou em sua nova *persona*, procurando incorporá-la e estender sua popularidade através de um empreendimento, que ia além de uma coluna de jornal. Não foi bem-sucedido. Entretanto, em 1908, com a parceria de João do Rio, como se viu, lançaria seu primeiro livro dirigido ao público infantil: *Era uma vez...* E, dessa vez, deu certo. A partir dos anos 1900, Viriato não parou mais de escrever para crianças, consideradas, por ele, até a morte em 1967, seu público leitor por excelência. Assim, até a ABL teve que engolir a história desse sapo, que acabou virando príncipe no fim da vida. Em 1962, publicou, também pela CEN, *História da liberdade no Brasil*. Nos anos 1960, como sabemos, as águas da política no Brasil se encrespavam fortemente após o golpe de 1964. Hora para um gesto de reconhecimento a quem vivera como um sapo, embora falante como um papagaio. A Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro resolveu escolher esse livro e seu autor para homenagear no carnaval de 1967. Desfilaram na avenida, corajosamente, cantando e dançando a história da liberdade. E foi assim que a varinha mágica do carnaval tocou Viriato Corrêa e... abracadabra!

Referências bibliográficas

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Arquivo Viriato Corrêa*. Rio de Janeiro.

BOTELHO, André. *Aprendizado do Brasil: a nação em busca dos seus portadores sociais*. Campinas: Ed. Unicamp, 2002.

CENTRO DE MEMÓRIA. *Arquivo da Companhia Editora Nacional*. Unifesp, São Paulo.

CORRÊA, Viriato; RIO, João. *Era uma vez... Contos para crianças*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986. Edição revista.

CORRÊA, Viriato. *História da liberdade no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1962.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 1906 e 1907. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

GOMES, Angela de Castro. A escola republicana: entre luzes e sombras. In: GOMES, Angela C.; PANDOLFI, Dulce; ALBERTI, Verena (org.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 399-450.

GOMES, Angela de Castro; CAVALCANTE, Vanessa. História da liberdade no Brasil ou quando uma história acaba em samba. In: ROCHA, H.; REZNIK, L.; MAGALHÃES, M. (org.). *A História na escola*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GONÇALVES, Roberta F. *As aventuras d'O Tico-Tico: formação infantil no Brasil republicano (1905-1962)*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de História, UFF, Niterói, 2019.

GONTIJO, Rebeca. Coração: um diário, vários tempos e algumas histórias. In: ROCHA, H.; REZNICH, L.; MAGALHÃES, M. (org.). *A história na escola: autores, livros e leituras*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009. p. 49-70.

HANSEN, Patrícia T. “Livros nação”: narrativas e outros tipos de literatura cívica no Brasil do século XIX ao início do XX. In: SOARES, Gabriela P.; RAFFAINI, Patrícia T. (org.). *Livros infantis velhos e esquecidos*. São Paulo: BBM, 2022. p. 79-104.

ORIÁ, Ricardo. *O Brasil contado às crianças: Viriato Corrêa e a literatura escolar brasileira (1934-1961)*. São Paulo: Annablume, 2011.

PENTEADO, Ana Elisa de Arruda. *Literatura infantil, história e educação: um estudo da obra Cazusa de Viriato Corrêa*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2001.

PINTO, G. Hércules. *Viriato Correia* (a modo de biografia). Rio de Janeiro: Alba, 1966.

ROSA, Zita de Paula. *O Tico-Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica*. Bragança Paulista: Edusf, 2002.

Recebido em: 30/04/2023
Aceito em: 20/12/2024

ⁱ **Angela de Castro Gomes** é professora titular de História do Brasil da Universidade Federal Fluminense (UFF), Professora emérita do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (Cpdoc/FGV) e Pesquisadora Visitante Emérita na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). **E-mail:** angelamariadecastrogomes@gmail.com